

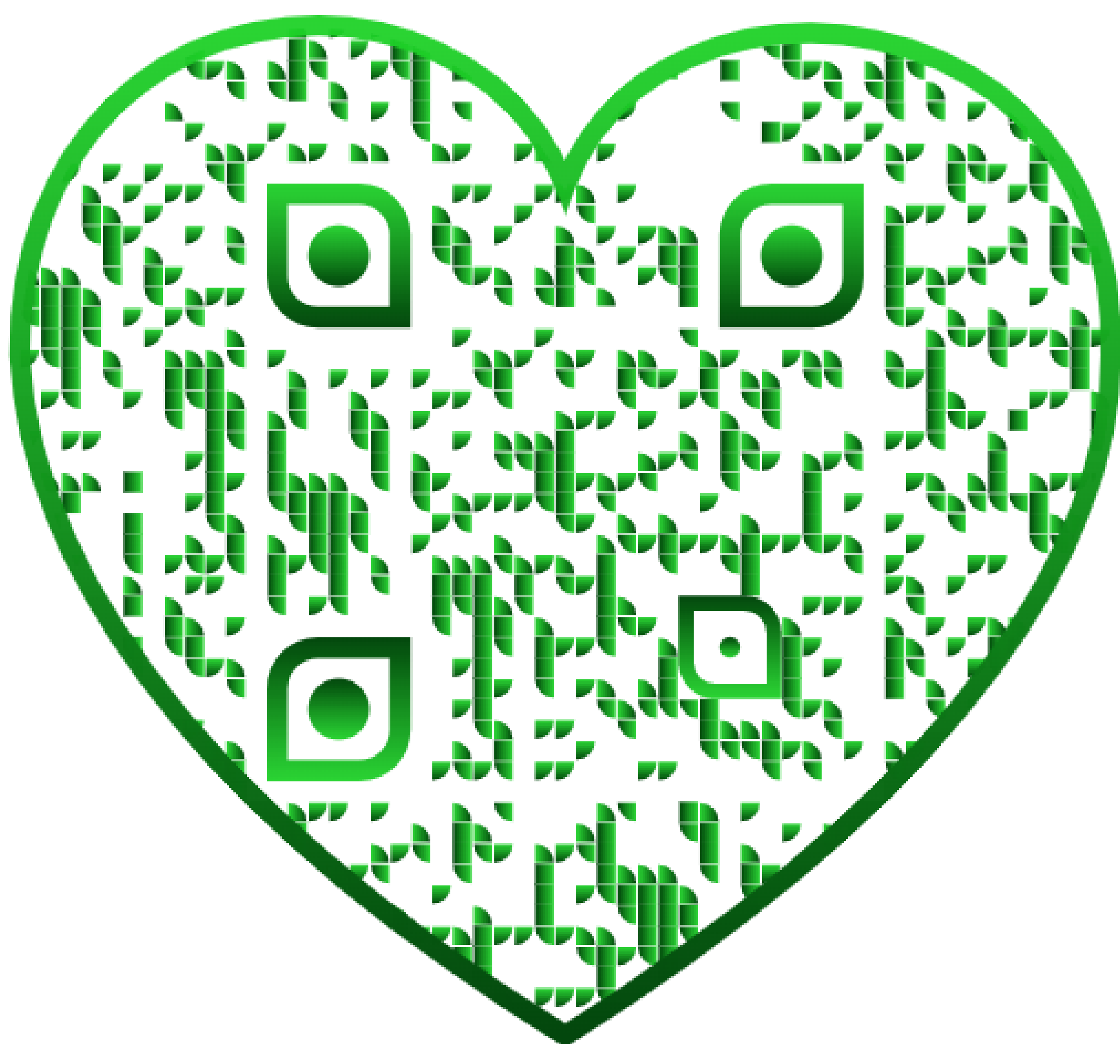
A vida de Magnus Bane,
o feiticeiro de *Os instrumentos mortais*

AS CRÔNICAS DE Bane

vol. 5

Ascensão do Hotel Dumort

CASSANDRA CLARE
e
MAUREEN JOHNSON



Cassandra Clare
e
Maureen Johnson

Ascensão do Hotel Dumort

As Crônicas de Bane

Tradução de
Rita Sussekind

1ª edição



2013

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Clare, Cassandra
C541c As crônicas de Bane [recurso eletrônico]: ascensão do Hotel Dumort / Cassandra Clare, Maureen Johnson; tradução Rita Sussekind. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Galera Record, 2013
recurso dgital (As crônicas de Bane ; 5)

Tradução de: The Bane chronicles: the fall of the Hotel Dumort
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 9788501404817 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Johnson, Maureen. II. Sussekind, Rita. III. Título. IV. Série.

13-06471 CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Ascensão do Hotel Dumort

Fim de setembro, 1929

Imediatamente Magnus avistou a pequena vampira sedutora. Ela estava atravessando a multidão e parou por um instante para uma rápida dancinha perto da banda. Tinha cabelos perfeitamente cortados na altura do queixo, pretos e brilhantes com uma franja lisa, exatamente como Louise Brooks. Trajava um vestido azul vibrante com contas delicadas que desciam até os joelhos.

Sob quase todos os aspectos, parecia uma cliente comum no bar clandestino de Magnus e se misturava facilmente às outras três ou quatro dezenas de pessoas que preenchiam a pequena pista de dança. Mas havia algo de *distinto* nela, algo de sonhador e estranho. A música era rápida, mas ela dançava em um ritmo controlado e sensual. A pele completamente branca, mas não por causa do pó de arroz. E, enquanto executava sua dança sinuosa na frente do saxofonista, ela se virou e olhou direto nos olhos de Magnus. Ao fazê-lo, duas pequenas presas apareceram contra o lábio vermelho e brilhante. Ao perceber que estavam expostas, ela riu e cobriu a boca com a mão. No instante seguinte, as presas tinham se recolhido.

Enquanto isso, Alfie, que a essa altura estava agarrado ao bar para se apoiar, prosseguiu com uma história.

— Eu disse pra ele... Magnus, está me ouvindo?

— Claro, Alfie — disse Magnus. Alfie era um cliente habitual muito bonito e divertido, com excelente gosto para ternos e uma predileção por

bebidas fortes. Contava histórias muito boas e dava belos sorrisos. Era um banqueiro ou coisa do tipo. Corretor de ações, talvez. Todos tinham alguma coisa a ver com dinheiro atualmente.

— ... Eu disse a ele, você não pode levar um barco para o quarto do hotel. E ele respondeu, "claro que posso. Sou um *capitão*". Eu falei, eu falei pra ele, eu falei...

— Um instante, Alfie. Preciso fazer uma coisa.

— Estou chegando à melhor parte...

— Só um instante — repetiu Magnus, e afagou o braço do amigo. — Volto já.

Alfie seguiu Magnus com os olhos até a garota.

— Aquela, sim, é uma fruta apetitosa — falou e balançou a cabeça afirmativamente. — Mas não pensei que este fosse seu gosto.

— Meus gostos são universais — respondeu Magnus com um sorriso.

— Bem, vá logo. Ela não vai passar a noite toda aqui. Eu cuido do bar para você. — Alfie bateu na bancada. — Pode confiar em mim.

Magnus acenou com a cabeça para Max, seu excelente barman, que imediatamente preparou mais um drinque para Alfie.

— Para manter seu bico molhado durante minha ausência.

— Muito gentil — disse Alfie, assentindo. — Você é esperto, Seca.

Magnus chamava o bar de Sr. Seca. Em tese, os EUA estavam sob a "Lei Seca", e o álcool era ilegal em todos os lugares. Mas a verdade era que a maioria destes estava "molhada" — cheia de álcool. Principalmente Nova York. Todos em Nova York bebiam, e o fato de agora ser ilegal só melhorava as coisas. O bar clandestino, até onde Magnus sabia, era uma das maiores conquistas da humanidade. Íntimo, alegre, ilegal sem ser imoral — um *frisson* de perigo sem qualquer ameaça real.

O Sr. Seca não era um lugar grande — esses bares clandestinos raramente o eram. Por natureza, tinham de ser secretos. O dele ficava escondido atrás da fachada de uma loja de perucas na parte oeste da Rua 25. Para entrar, era necessário repetir uma senha para o eficiente porteiro, que via o possível cliente por uma pequena abertura no painel em uma porta reforçada na parede dos fundos da loja. Uma vez lá dentro, você se espremia por um corredor estreito e entrava nos majestosos domínios de

Magnus — dez mesas e um bar de mármore (importado de Paris), apoiado em um suporte de madeira que exibia todas as garrafas de coisas estranhas que Magnus conseguia obter.

A maior parte do espaço era ocupada pelo palco e pela pista de dança, que pulsava sob a batida dos pés dançantes. Pela manhã, seria limpa e encerada, e as marcas de milhares de sapatos seriam lavadas. Ele passou gentilmente pelos dançarinos, a maioria deles tão intensos e inebriados que sequer tinham consciência de sua presença. Ele gostava dos suaves (e ocasionalmente não tão suaves) socos de membros voadores e chutes de pés agitados. Gostava da sensação de calor humano sendo transportado pelo movimento e a onda de dançarinos conforme se tornavam mais ou menos uma massa sólida e pulsante.

A pequena vampira era jovem — não mais que 16 anos —, e sua cabeça alcançava apenas o peito de Magnus. Ele se inclinou e falou ao seu ouvido.

— Talvez eu possa lhe oferecer uma bebida? — perguntou ele. — Em particular? Nos fundos?

As pontas das presas emergiram novamente quando ela sorriu.

Magnus já se sentiu ligeiramente tranquilizado — o sorriso com parte das presas provavelmente não era de fome. Embriaguez podia fazer com que as presas aparecessem um pouco. Mas vampiros, assim como mundanos, normalmente procuravam alimentos salgados e encontros amorosos quando estavam bêbados.

— Por aqui — indicou ele, e a conduziu, abrindo uma cortina para revelar um pequeno corredor que levava a uma única porta. Imediatamente atrás do estabelecimento principal, Magnus havia construído uma sala pequena e muito restrita com um bar de zinco. Esta sala era coberta com grandes painéis de vitrais, iluminados por trás com luzes elétricas, que retratavam Dioniso, o deus grego do vinho. Era ali que ele guardava o que tinha de melhor e de pior no estoque, e era dali que conduzia seus negócios mais privados.

— Acho que ainda não nos conhecemos — falou Magnus, enquanto ela se sentava animada em um dos bancos e girava.

— Ah, eu sei quem *você* é. Você é Magnus Bane.

Ela possuía um daqueles sotaques nova-iorquinos aos quais Magnus ainda estava se acostumando, apesar de já estar na cidade havia meses. Era metálico e grande, como um letreiro de neon piscando. Seus sapatos infantis de couro tinham as pontas dianteiras arranhadas, e havia uma mancha de lama na base do salto, além de marcas de outras substâncias que Magnus não reconhecia. Estes eram sapatos para dançar *e* para caçar.

— E como devo chamá-la?

— Pode me chamar de Dolly — respondeu ela.

Magnus retirou uma garrafa gelada de champanhe de uma grande banheira de gelo que tinha, no mínimo, sessenta garrafas idênticas.

— Gosto daqui — declarou Dolly. — É um lugar com classe.

— Que bom que você pensa assim.

— Muitos lugares têm classe — argumentou Dolly ao mesmo tempo em que pegava um pote com cerejas e puxava-as com suas unhas longas (e provavelmente sujas). — Mas são falsamente classudos, sabe? Este aqui parece ter classe de fato. Você serve bons vinhos. Coisas assim.

Ela apontou para o champanhe barato que Magnus segurava e servia. A garrafa, assim como as outras na banheira, certamente era bonita, mas todas foram preenchidas com espumantes baratos e fechadas cuidadosamente com as rolhas. Vampiros podiam beber muito, era caro mantê-los por perto, e ele tinha certeza de que ela não saberia a diferença. E acertou. Ela entornou metade da taça no primeiro gole e a estendeu para que ele a enchesse.

— Bem, Dolly — disse Magnus, completando a taça —, eu certamente não me importo com o que você faz na rua ou onde quer que seja, mas gosto da minha clientela. Considero uma questão de bom serviço me certificar de que vampiros não os comam sob o meu teto.

— Não vim aqui para comer — respondeu. — Vamos ao Bowery para isso. Pediram que eu viesse perguntar sobre você.

Os sapatos davam crédito à história sobre Bowery. Aquelas ruas ao sul eram imundas.

— Ah? E quem é gentil o suficiente para perguntar sobre mim?

— Ninguém — disse a menina.

— Ninguém — comentou Magnus — é um dos meus nomes favoritos.

Isto fez com que a menina vampira risse e girasse no banco. Ela esvaziou a taça e estendeu-a novamente. Magnus a encheu mais uma vez.

— Essa pessoa, minha amiga...

— Ninguém.

— Ninguém, isso. Eu acabei de conhecer e... essa pessoa, mas ela é uma das minhas, sabe?

— Vampiro.

— Sim. Então, querem que eu lhe dê um recado — continuou. — Disseram que você precisa deixar Nova York.

— Ah, é mesmo? Por quê?

Em resposta, ela riu e meio deslizou, meio caiu do banco, dançando uma dança particular e inebriada ao som da música que ultrapassava as paredes.

— Veja bem — explicou, enquanto dançava —, as coisas estão prestes a ficar perigosas. Algo sobre o dinheiro mundano e um mau presságio. Vai quebrar ou coisa do tipo. Todo o dinheiro. E, quando isso acontecer, significará o fim do mundo...

Magnus suspirou internamente.

O Submundo de Nova York era um dos lugares mais ridículos que ele já havia visitado, e em parte por esse motivo ele agora passava o tempo servindo bebidas ilegais para mundanos. E, mesmo assim, não conseguia escapar destas sandices. Pessoas iam ao bar para conversar, e os integrantes do Submundo também. Os lobisomens eram paranoicos. Os vampiros, fofoqueiros. Todos tinham uma história. Algo sempre estava *prestes a acontecer*, alguma coisa grande. Fazia parte do clima da época. Os mundanos vinham ganhando montanhas de dinheiro em Wall Street e gastavam em frivolidades, cinema e bebida. Essas eram coisas que Magnus sabia respeitar. Mas o Submundo era pautado por profecias incompletas e rivalidades inúteis. Os clãs lutavam entre si pelo controle de pedaços inexpressivos de domínio. As fadas se mantinham quietas como sempre, ocasionalmente atraindo humanos errantes da porta do Central Park Casino e levando-os para seu mundo com a promessa de uma festa inesquecível.

Pelo menos, uma vampira bonitinha falando bobagens era melhor que um lobisomem embriagado de fala arrastada. Magnus assentiu como se estivesse ouvindo e mentalmente ficou contando as garrafas de uísque e rum nas prateleiras de estoque abaixo do bar.

— Os mundanos, veja só, estão tentando invocar um demônio...

— Mundanos vivem fazendo isso — respondeu Magnus, pegando uma garrafa de rum ouro que fora colocada no lugar errado. — Atualmente também gostam de sentar em mastros de bandeiras e andar nas asas de aviões bimotores. Esta é uma era de hobbies tolos.

— Bem, esses mundanos não estão de brincadeira.

— Eles nunca estão de brincadeira, Dolly — disse Magnus. — Sempre acaba mal. Já vi mundanos salpicados em paredes o suficiente para...

De repente, o sino na parede começou a soar febrilmente e foi seguido por um chamado alto e profundo da sala principal.

— BATIDA!

Em seguida, muita gritaria.

— Com licença, um instante — pediu Magnus. Ele pousou a garrafa de espumante barato no bar e fez sinal para que Dolly se servisse, pois tinha certeza que ela faria isso mesmo sem permissão. Voltou pelo bar principal, onde uma atmosfera de loucura geral prevalecia. A banda não recolheu os instrumentos, mas tinha parado de tocar. Algumas pessoas engoliam os drinques, outras corriam para a porta, e ainda havia alguns chorando e em pânico.

— Senhoras e senhores! — chamou. — Por favor, apenas ponham suas bebidas sobre as mesas. Vai ficar tudo bem. Permaneçam sentados.

Magnus tinha clientes habituais suficientes para que houvesse uma rotina estabelecida. As pessoas estavam sentando, acendendo os cigarros alegremente e mal se viravam para olhar os machados que já apareciam pela porta de entrada.

— Luzes! — gritou Magnus, de forma teatral.

De imediato, os funcionários do bar apagaram todas as luzes, e o recinto ficou imerso em escuridão, exceto pelas pontas cor de laranja dos cigarros acesos.

— Agora, por favor, pessoal — disse Magnus, acima dos gritos da polícia, das machadadas e da madeira que se partia. — Se pudermos contar até três juntos. Um!

Nervosos, os clientes se uniram a ele no "dois" e no "três". Viu-se um clarão azul, em seguida, um estalo final quando a porta se abriu e a polícia entrou. Então, de súbito, as luzes se acenderam outra vez. Mas o bar clandestino desapareceu. Tudo o que os fregueses tinham à sua frente eram bules de porcelana e xícaras de chá. A banda de jazz fora substituída por um quarteto de cordas, que imediatamente começou a tocar uma música calma. As garrafas atrás do bar sumiram, substituídas por uma prateleira cheia de romances. Até a decoração mudou — as paredes encontravam-se cobertas por estantes de livros e cortinas de veludo, e tudo escondia o bar e o estoque de álcool.

— Cavalheiros! — Magnus abriu os braços. — Sejam bem-vindos ao clube do chá e do livro. Já íamos começar a discutir o título da noite, *Judas, o obscuro*. Os senhores chegaram bem a tempo! Posso ter de pedir que paguem pela porta, mas entendo o impulso. A pessoa não pode se atrasar para o debate!

Os presentes começaram a rir. Ergueram as xícaras de chá e acenaram com exemplares do livro.

Magnus sempre tentava variar a rotina. Uma vez, quando as luzes voltaram, ele havia transformado o recinto em um apiário, com colmeias e zumbidos por todo o salão. Em outra ocasião, fez um círculo de orações, com muitos dos clientes vestindo hábitos de freira e de pastores.

Normalmente, a polícia ficava tão confusa que as batidas eram breves e relativamente sem violência. Mas toda vez ele sentia a frustração aumentar. Hoje, o grupo estava sendo liderado por McMantry, um policial tão corrupto quanto se possa imaginar. Magnus se recusava a suborná-lo por uma questão de princípio, e agora ele estava descontando no Sr. Seca. Desta vez, os policiais vieram preparados. Todos tinham uma ferramenta — pelo menos 12 machados, várias marretas, pés de cabra e até uma ou duas pás.

— Levem todos — ordenou McMantry. — Todos para o carro. E depois revirem este lugar.

Magnus balançou os dedos nas costas para esconder a luz azul entre eles. De imediato, quatro painéis caíram das paredes e revelaram corredores e rotas de fuga. Os clientes correram para lá. Sairiam em quatro locais diferentes, a alguns quarteirões de distância. Apenas um pouquinho de mágica suave, buscando proteção. Ninguém merecia ir para a cadeia por tomar um drinque. Alguns policiais tentaram segui-los, mas, de repente, as passagens se fecharam.

Magnus desfez o feitiço de disfarce, e o bar clandestino voltou ao normal. A polícia ficou atordoada o bastante para que ele conseguisse se esgueirar atrás de uma cortina próxima e ficar invisível. Passou pelos policiais e saiu do bar. Parou alguns instantes apenas para observá-los puxar a cortina e estudar a parede atrás dela em busca da escotilha de escape que presumiram haver ali.

Na rua, via-se uma densa noite de setembro. Nova York normalmente ficava quente nesta época do ano, e a umidade da cidade tinha uma característica única. O ar era viscoso, cheio da névoa do East River e do Hudson, além do mar e do pântano, cheio de fumaça e cinzas e do aroma de todas as comidas possíveis sendo preparadas, com o forte cheiro de gás.

Magnus foi até uma das saídas, onde um grupo animado de clientes ria e conversava sobre o que acabara de acontecer. O grupo incluía alguns de seus clientes habituais preferidos e, com eles, o belo Alfie.

— Vamos! — disse Magnus. — Acho que podemos continuar na minha casa, não acham?

Algumas pessoas concordaram que seria uma excelente ideia. Magnus chamou um táxi, e outros fizeram o mesmo. Logo havia uma alegre fileira de veículos, e todos estavam prontos para partir. Enquanto uma última pessoa se espremia no banco de trás com Magnus, Dolly se inclinou na janela e falou ao seu ouvido:

— Ei, Magnus! — disse ela. — Não se esqueça. Cuidado com o dinheiro!

Magnus acenou com a cabeça educadamente, como se dissesse *sim, que seja*, e ela riu e se foi. Era tão pequena. Muito bonita. E muito bêbada. Provavelmente iria para o Bowery agora para se alimentar com um dos menos afortunados da cidade.

A fila de táxis começou a se mover, e todo o grupo (que, olhando pela janela de trás, parecia ter dobrado) foi para o Hotel Plaza.

Quando Magnus acordou no dia seguinte, a primeira coisa que reparou foi que estava muito, muito, muito claro. Alguém realmente precisava dar um jeito de acabar com o sol.

Ele logo percebeu que o excesso de claridade se devia ao fato de que as cortinas de sua suíte tinham desaparecido. Em seguida, notou, a seu lado na cama, as quatro pessoas totalmente vestidas (*suspiro*), que não tomavam consciência do sol e estavam mortas para o mundo.

A terceira coisa que viu, e talvez fosse a mais intrigante, foi a pilha de pneus de carro ao pé da cama.

O feiticeiro precisou de alguns instantes e de várias contorções estranhas para passar por cima dos adormecidos e sair da cama. Havia facilmente mais uns vinte desmaiados — ou dormindo — por toda a sala. As cortinas de lá também haviam desaparecido, mas ele viu onde tinham ido parar. As pessoas estavam utilizando como cobertores e barracas temporárias. Alfie era o único acordado, sentado no sofá, e olhava infeliz para o dia ensolarado.

— Magnus — resmungou. — Você pode me matar, por favor?

— Ora, mas isso é *ilegal*! — respondeu o feiticeiro. — E você sabe o que penso sobre transgredir a lei. E quem são essas pessoas? Não eram tantas assim quando fui dormir.

Alfie deu de ombros, indicando que o universo era misterioso e nada jamais seria inteiramente compreendido.

— Estou falando sério — disse Alfie. — Se não quiser fazer vodu ou coisa do tipo, bata na minha cabeça com alguma coisa. Você precisa me matar.

— Vou arrumar alguma coisa para você — disse Magnus. — Suco de tomate gelado e pimenta, pomelo fatiado e um prato de ovos mexidos; é disso que precisamos. Vou pedir que o serviço de quarto mande duas dúzias de cada uma.

Ele tropeçou sobre algumas pessoas para chegar ao telefone, apenas para descobrir que, na verdade, o que tinha alcançado era uma cigarreira grande e decorativa. Possivelmente ele também não estava em sua melhor forma.

— E café — acrescentou, pousando a cigarreira e pegando o fone com muita dignidade. — Vou pedir um pouco de café também.

Magnus fez o pedido para o serviço de quarto, que a essa altura já havia parado de questionar as estranhas necessidades do Sr. Bane, que incluíam coisas como 24 pratos de ovos mexidos e "café suficiente para encher uma banheira". Ele se juntou a Alfie no sofá e ficou observando enquanto alguns dos convidados viravam e resmungavam durante o sono.

— Tenho de parar com isso — disse Alfie. — Não posso continuar assim.

Alfie evidentemente era uma dessas pessoas que ficavam sentimentais após uma boa noite de farra. Por alguma razão, isso apenas o tornava mais atraente.

— É só uma ressaca, Alfie.

— É mais que isso. Tem uma garota...

— Ah — disse Magnus, assentindo. — Sabe, a maneira mais eficiente de curar um coração partido é recomeçar...

— Não para mim — respondeu Alfie. — Ela era única. Ganho bem. Tenho tudo que quero. Mas perdi essa garota. Veja...

Ah, não. Uma história. Isso talvez fosse sentimental demais e excessivo demais para essa hora da manhã, mas homens bonitos e com o coração partido ocasionalmente podiam ser aturados. Magnus tentou parecer atencioso. Era difícil fazer isso com o brilho do sol e o desejo de voltar a dormir, mas tentou. Alfie contou uma história a respeito de uma garota chamada Louisa, algo sobre uma festa, uma confusão relacionada a uma carta e alguma coisa sobre um cachorro e possivelmente uma lancha. Era uma lancha ou um chalé nas montanhas. São coisas difíceis de confundir, mas realmente estava *cedo demais* para isso. Enfim, definitivamente havia um cachorro e uma carta, e tudo acabou de forma desastrosa, com Alfie indo toda noite afogar as mágoas no bar de Magnus. Enquanto a história caminhava para o fim, Magnus viu o primeiro dos adormecidos no chão

começar a dar sinal de vida. Alfie também percebeu e se inclinou para perto de Magnus, a fim de conversar com mais privacidade.

— Ouça, Magnus — disse Alfie. — Sei que você consegue... fazer coisas.

Isso soava promissor.

— Digo... — Alfie se inquietou por um instante. — Você consegue fazer coisas que não são naturais...

Isso soou *de fato* muito promissor, pelo menos, no início. Contudo, os olhos arregalados de Alfie indicavam que esta não era uma proposta amorosa.

— O que quer dizer? — perguntou Magnus.

— Quero dizer... — Alfie baixou ainda mais a voz. — Você faz... aquelas coisas que você faz. Elas são... são mágicas. Digo, têm de ser. Não acredito nessas coisas, mas...

Magnus havia mantido a premissa de que não era nada além de um diretor de circo. Era uma premissa que fazia sentido, e a maioria das pessoas ficava feliz em aceitar. Mas Alfie — um mundano com os pés no chão — aparentemente não acreditava naquela ideia.

O que era atraente. E preocupante.

— O que você está me pedindo exatamente, Alfie?

— Eu a quero de volta, Magnus. Precisa haver um jeito.

— Alfie...

— Ou me ajude a esquecê-la. Aposto que consegue.

— Alfie... — Magnus não queria mentir, mas não entraria nesta discussão. Não agora nem aqui. Mesmo assim, parecia que precisava dizer alguma coisa.

— Lembranças são importantes — declarou.

— Mas *dói*, Magnus. Pensar nela me machuca.

Magnus não queria passar por isso a essa hora — esta conversa sobre lembranças dolorosas e a vontade de esquecer. Esta conversa tinha de terminar, agora.

— Preciso de um banho rápido para me recuperar. Abra a porta para o serviço de quarto, por favor? Você vai se sentir melhor depois de comer.

Magnus afagou Alfie no ombro e foi para o banheiro. Precisou tirar duas pessoas que estavam dormindo por lá, uma na banheira e outra no

chão, para começar seus procedimentos. Ao terminar, o serviço de quarto havia entregado seis mesas com rodinhas, cheias de jarros de suco de tomate e todos os ovos, pomelos e café necessários para animar o dia. Alguns dos quase mortos tinham acordado e agora comiam, bebiam e faziam barulho, trocando figurinhas sobre quem estava se sentindo pior.

— Você recebeu nossos presentes, Magnus? — perguntou um dos homens.

— Recebi, obrigado. Estava mesmo precisando de uns pneus extras.

— Pegamos de uma viatura de polícia. Vingança por terem arruinado o bar.

— Foi muita gentileza. Por falar nisso, acho que é melhor ir até lá verificar o que restou do meu estabelecimento. A polícia não parecia muito contente ontem à noite.

Ninguém prestou muita atenção quando ele saiu. Continuaram comendo, bebendo, conversando e rindo do próprio sofrimento, ocasionalmente correndo para o banheiro para vomitar. Era mais ou menos assim que funcionava, todo dia e toda noite. Estranhos apareciam em seu quarto, sempre acabados por causa da noite anterior. De manhã, se recompunham. Esfregavam os olhos borrados de maquiagem, procuravam por chapéus perdidos, plumas, pérolas, números de telefone, sapatos e horários. Não era uma vida ruim. Não ia durar, mas nada durava.

Todos acabariam como Alfie, chorando no sofá durante a madrugada e arrependidos de tudo. Por isso, Magnus ficava longe desses problemas. Continuava a viver. Continuava a dançar.

Magnus assobiou ao fechar a porta do quarto e tirou o chapéu para uma senhora com olhar de reprovação que ouviu a movimentação do lado de dentro. Quando o elevador chegou ao saguão, seu humor havia melhorado o suficiente para que desse cinco dólares de gorjeta ao ascensorista.

O bom humor de Magnus durou poucos minutos. O trajeto de táxi foi consideravelmente menos feliz que o último. O sol estava extremamente claro, o táxi ficou engasgando e pulando, e as ruas estavam mais

congestionadas que de costume — seis carros na transversal, todos buzinavam de uma vez e soltavam fumaça pela janela. Todas as viaturas que ele avistava faziam com que se lembrasse das indignidades da noite anterior.

Ao chegar à Rua 25, o nível de destruição ficou imediatamente claro. A porta da loja de perucas fora quebrada e substituída (sem muito cuidado) por uma tábua de madeira e uma corrente. Magnus abriu-a com um rápido golpe de luz azul dos dedos e afastou a madeira. A loja tinha sofrido graves danos — prateleiras reviradas, perucas espalhadas pelo chão em uma poça de cerveja e vinho, parecendo estranhas criaturas marinhas. A porta escondida tinha sido completamente arrancada das dobradiças e jogada no chão. Magnus passou pelo corredor estreito, que exibia uma piscina de cerca de 7 centímetros, oriunda de uma mistura de álcool no piso rebaixado. O riacho vinha escorrendo dos três degraus que levavam ao bar. A porta tinha sido destruída, reduzida a farpas. Além da entrada, Magnus apenas viu destruição — vidro estilhaçado, mesas quebradas, pilhas de escombros. Mesmo o inocente candelabro tinha sido espancado, e o que sobrou dele foram pedaços espalhados pela pista de dança.

Mas esta nem mesmo foi a pior parte. Em meio à destruição, sentado sobre uma das três cadeiras que sobraram intactas, estava Aldous Nix, o Alto Feiticeiro de Manhattan.

— Magnus — disse ele. — Finalmente. Estou esperando há uma hora.

Aldous era velho — até para os padrões dos feiticeiros. Mais velho que o calendário. A julgar por suas lembranças, o consenso geral era de que ele provavelmente tinha quase 2 mil anos. Sua aparência era de um homem de quase 70 anos, com uma barba branca rala e cabelos brancos cuidadosamente aparados. Sua marca eram as mãos e os pés em forma de garra. Os pés ficavam disfarçados com botas especiais, e ele sempre mantinha uma das mãos no bolso, enquanto a outra envolvia o punho com bola de prata de uma longa bengala preta.

O fato de Aldous estar sentado ali, em meio aos destroços, era um tipo de acusação.

— O que eu fiz para merecer esta honra? — perguntou Magnus, passando com cautela pela bagunça no chão. — Ou você sempre quis ver

um bar destruído? É quase um espetáculo.

Aldous empurrou um pedaço de garrafa quebrada com a bengala.

— Existem negócios melhores a se fazer, Magnus. Você realmente quer passar seu tempo vendendo bebida ilegal a mundanos?

— Quero.

— Bane...

— *Aldous*... — disse Magnus. — Já me envolvi em tantos problemas e batalhas. Não há nada de errado em querer viver tranquilamente por um tempo e evitar confusão.

Aldous apontou com a mão para a destruição.

— Isso não é problema — afirmou Magnus. — Não um de verdade.

— Mas também não é um investimento sério.

— Não há nada de errado em querer curtir um pouco a vida. Temos a eternidade. Será que devemos passar o tempo todo trabalhando?

Foi uma pergunta estúpida. Aldous provavelmente passaria a eternidade trabalhando.

— Magnus, você não pode ter deixado de notar que as coisas estão mudando. Está tudo inquieto. A Grande Guerra Mundana...

— Eles vivem entrando em guerra — declarou Magnus, e pegou as bases de uma dúzia de taças de vinho quebradas e as enfileirou.

— Não assim. Não tão global. E eles estão se aproximando da mágica. Produzem luz e som. Estão se comunicando a distância. Isso não o preocupa?

— Não — respondeu Magnus. — Não me preocupa.

— Então não está vendo nada?

— Aldous, minha noite foi longa. Do que você está falando?

— Está chegando, Magnus. — De repente, a voz de Aldous soou muito grave. — Dá para sentir no ar. Está chegando, e tudo se destruirá.

— *O que* está chegando?

— A quebra e a queda. Os mundanos colocam a fé no dinheiro em papel, e, quando isso virar pó, o mundo vai virar de cabeça para baixo.

Ser feiticeiro certamente não impede que suas ideias fiquem um pouco bagunçadas. Aliás, ser feiticeiro pode *facilmente* fazer com que você fique com as ideias um pouco bagunçadas. Quando o verdadeiro peso da

eternidade bate — normalmente no meio da noite quando se está sozinho —, ele pode ser insuportável. Saber que todos vão morrer e que você vai continuar em um futuro vasto e desconhecido, habitado sabe-se lá por quem, que tudo sempre acabará e você continuará...

Aldous estava pensando nisso. Estava com aquele olhar.

— Tome um drinque, Aldous. — Magnus ofereceu com compaixão. — Guardo algumas garrafas especiais escondidas embaixo do chão nos fundos. Tenho um Château Lafite Rothschild de 1818 que estava guardando para um dia ensolarado.

— Você acha que isso é a solução para tudo, não acha, Bane? Bebida, dança, sexo... Mas, digo o seguinte, alguma coisa está acontecendo e seremos tolos se ignorarmos.

— *Quando* foi que eu disse que não era tolo?

— Magnus! — Aldous se levantou subitamente e bateu com a ponta da bengala, enviando uma enxurrada de raios roxos entre os destroços do chão. Mesmo enquanto falava loucuras, Aldous era um feiticeiro muito poderoso. Quando você existe há dois mil anos, acaba aprendendo algumas coisas.

— Quando resolver ser sério, me procure. Mas não espere muito. Tenho uma nova residência, no Hotel Dumont, Rua 116.

Magnus foi deixado nos destroços do bar. Uma integrante do Submundo surgindo para despejar um monte de besteira sobre presságios e desastres pode ser ignorada. Mas este fato ser seguido por uma visita de Aldous, que parecia dizer o mesmo...

... a não ser que os dois rumores fossem apenas um, e ambos tivessem sido originados por Aldous, que não estava soando muito são.

Fazia sentido, na verdade. O Alto Feiticeiro de Manhattan fica um pouco estranho, começa a falar sobre fatalidades, dinheiro mundano e desastre... Alguém ouviria essa história e a transmitiria, e, como todas as histórias, ela chegaria a Magnus.

Magnus tamborilou os dedos sobre o mármore rachado de seu bar outrora impecável. O tempo, reparou, corria mais depressa hoje em dia. Aldous não estava completamente errado em relação a isso. O tempo era como água, às vezes glacial e lenta (a década de 1720... *nunca mais*), às

vezes, um lago parado, às vezes, um ribeiro suave, outras, um rio acelerado. E, às vezes, o tempo era como vapor, desaparecendo instantaneamente, envolvendo tudo em bruma, refletindo a luz. Esses foram os anos de 1920.

Mesmo em tempos acelerados como este, Magnus não poderia reabrir o bar imediatamente. Ele precisava simular alguma normalidade. Por alguns dias, talvez uma semana. Talvez até reconstruísse do jeito mundano, contratando pessoas para virem com baldes, madeira e pregos. Talvez trabalhasse pessoalmente. Provavelmente, isso lhe faria bem.

Então Magnus arregaçou a manga e se ocupou, recolhendo o vidro estilhaçado, jogando cadeiras quebradas e mesas em uma pilha. Pegou um rodo e empurrou poças de mistura de bebida, sujeira e farpas. Após algumas horas fazendo isso, ficou cansado e entediado, e estalou os dedos para arrumar tudo.

As palavras de Aldous continuavam soando em sua mente. Algo precisava ser feito. Alguém deveria ser alertado. Alguém mais responsável e interessado que ele, que pudesse assumir este problema. E, é claro, só um grupo de pessoas poderia fazer isso.

Caçadores de Sombras não frequentavam bares clandestinos. Eles respeitavam a lei mundana que bania o consumo de álcool (sempre maçantes com seu "A lei é dura, mas é a lei"). Isso significava que Magnus precisaria ir até o Upper East Side, para o Instituto.

A grandiosidade do Instituto sempre o impressionava — a forma como se erguia imponente acima de tudo, atemporal e sólido em sua reprovação gótica a tudo que era moderno e mutável. Integrantes do Submundo normalmente não conseguiam entrar no Instituto pela porta principal — a entrada deles era o Santuário. Mas Magnus não era um integrante do Submundo comum, e sua ligação com os Caçadores de Sombras era antiga e conhecida.

Isso não significava que ele tivesse recepções calorosas. A governanta, Edith, não disse nada ao recebê-lo, exceto "Espere aqui". Magnus ficou na entrada, onde examinou as decorações bolorentas com olhos críticos. Os Caçadores de Sombras realmente gostavam de papéis de parede bordô e

abajures em forma de flor para acompanhar a mobília pesada. O tempo jamais correria acelerado aqui.

— Venha — disse Edith, quando voltou.

Magnus a acompanhou pelo corredor até a sala de estar, onde Edgar Greymark, o diretor do Instituto, se encontrava diante de uma prateleira de livros.

— Edgar — cumprimentou Magnus, com um aceno de cabeça. — Vejo que cedeu à pressão e instalou um telefone.

Magnus apontou para o aparelho telefônico sobre uma pequena mesa em um canto escuro, como se estivesse sendo punido por existir.

— É um estorvo. Já ouviu o barulho que faz? Mas permite que se fale facilmente com os outros Institutos, e é possível pedir gelo, então...

Ele fechou pesadamente o livro que estava lendo.

— O que o traz aqui, Magnus? — perguntou. — Ouvi dizer que atualmente você administra um estabelecimento de bebidas. É isso mesmo?

— Exatamente — disse Magnus, com um sorriso. — Apesar de, no momento, ele ser mais útil como uma pilha de gravetos.

Edgar não pediu explicações, e Magnus não ofereceu nenhuma.

— Você sabe que a venda de bebidas alcoólicas é ilegal — prosseguiu o diretor do Instituto —, mas suponho que seja por isso que goste.

— Todo mundo deve ter um ou dois hobbies — respondeu Magnus. — O meu, por acaso, inclui comércio ilegal, bebidas e orgias. Tem coisa pior.

— Nossa tendência é não ter tempo para hobbies.

Caçadores de Sombras. Sempre melhores que você.

— Estou aqui porque neste meu estabelecimento de bebidas fiquei sabendo sobre coisas do Submundo que talvez lhe interessem.

Magnus contou tudo que lembrava — tudo o que Aldous dissera, inclusive seu comportamento estranho. Edgar ouviu, sem mudar a expressão.

— Você está se baseando nos devaneios de Aldous Nix? — perguntou, quando o feiticeiro terminou. — Todos sabem que Aldous não anda muito bem atualmente.

— Eu existo há mais tempo que você — retrucou Magnus. — Tenho muita experiência e aprendi a confiar nos meus instintos.

— Não agimos por instinto — disse Edgar. — Ou você tem informações ou não tem.

— Considerando nossa longa história, Edgar, acho que talvez você devesse agir com base no que estou dizendo.

— O que pretende que façamos?

Magnus detestava ter de soletrar tudo. Havia ido aos Caçadores de Sombras com informações. Não cabia a ele explicar precisamente como deveriam interpretá-las.

— Quem sabe falar com ele? — sugeriu Magnus. — Façam o que fazem de melhor, fiquem atentos.

— Estamos sempre atentos, Magnus. — Havia um ligeiro sarcasmo no tom de Edgar, que o Feiticeiro não apreciou. — Manteremos tudo isso em mente. Obrigado pela visita. Edith vai levá-lo até a porta.

Ele tocou um sino, e a governanta, com a expressão amarga, apareceu em um instante para tirar o homem do Submundo de sua casa.

Antes de ir ao Instituto, Magnus estava decidido a não fazer nada. Apenas transmitir a informação e seguir com sua existência infinita. Mas o descaso de Edgar com suas preocupações o motivou. Aldous disse que o Hotel Dumont ficava na Rua 116, que não era muito longe. Era localizado no Harlem italiano, uma caminhada de vinte minutos, talvez. Magnus foi na direção norte. Nova York era um lugar que mudava bruscamente de uma vizinhança para a outra. O Upper East Side era um lugar tão rico e digno que quase doía. Mas, à medida que caminhava, as casas ficavam menores, os veículos, mais agressivos, e as carroças de cavalos, mais frequentes. Acima da Rua 100, as crianças eram mais violentas, jogavam bola na rua e corriam umas atrás das outras enquanto as mães berravam pelas janelas.

A sensação nessas ruas era mais convidativa. Havia uma atmosfera mais familiar, com aromas deliciosos vindo das janelas. E era agradável ver uma vizinhança onde nem todos tinham pele branca. O Harlem era o centro da cultura negra e berço da melhor música do mundo. Era o lugar mais quente e ousado para se estar.

Razão pela qual, supunha, alguém havia construído esta monstruosidade de hotel. O Dumont não combinava com os prédios, as lojas e os restaurantes, mas também não parecia o tipo de local que se importava se os vizinhos o aprovavam ou não. Ficava recuado em uma pequena rua lateral que poderia ter sido feita sob medida para ele. Tinha uma bela fachada em colunatas com várias janelas, todas com as cortinas fechadas. Um par de portas metálicas pesadas estava fechado.

Magnus se sentou no quiosque de refrigerante do outro lado da rua e decidiu observar e esperar. Ele não sabia ao certo o que estava esperando. Alguma coisa. Qualquer coisa. Não tinha certeza de que algo fosse acontecer, mas estava ali para isso. A primeira hora foi extremamente monótona. Magnus leu um jornal para matar o tempo. Comeu um sanduíche de sardinha e tomou café. Usou seu poder para recuperar uma bola para umas crianças do outro lado da rua, e elas nem imaginaram o que se passou. Estava quase disposto a desistir quando uma comitiva de carros caríssimos começou a se aproximar da frente do hotel. Foi como ver uma exibição dos carros mais caros do mundo — um Rolls-Royce, um Packard, alguns Pierce-Arrow, um Isotta Fraschini, três Mercedes e um Duesenberg —, todos tão reluzentes que Magnus mal conseguia vê-los com o brilho do sol se pondo. Ele piscou os olhos lacrimejantes e observou os motoristas abrindo as portas para os passageiros.

Certamente eram pessoas ricas. Os ricos compravam roupas maravilhosas que você identificava. Os *mais ricos* faziam seus funcionários irem a Paris comprar toda a nova coleção que ninguém fora dos ciclos da moda conhecia ainda. Essas pessoas pertenciam ao segundo grupo. Todas tinham, Magnus notou, entre 40 e 60 anos. Todos os homens tinham barba e usavam chapéu, e as mulheres não eram jovens nem livres o suficiente para os vestidos Chanel cor-de-rosa e os Vionnet de seda etérea que compraram. Todos entraram rapidamente no hotel, sem conversar e sem parar para admirar o pôr do sol. Pareciam suficientemente austeros e cheios de si, e isso sugeria que provavelmente tinham se juntado para tentar invocar um demônio (pessoas que tentavam invocar um demônio sempre tinham aquela aparência). Mas o que mais incomodava Magnus era o fato

de que claramente estavam tentando fazer isso com a ajuda de Aldous, que possuía poderes e conhecimentos inimagináveis até para Magnus.

Então, ele esperou. Cerca de uma hora se passou. Os motoristas trouxeram os carros de volta em uma fileira, e, um por um, os integrantes do grupo entraram e partiram pela noite nova-iorquina. Não havia demônios. Nada. Magnus desceu do banco e começou a caminhar de volta para o Plaza, tentando assimilar tudo.

Talvez não tivesse sido nada. Aldous tinha uma visão sombria dos mundanos. Talvez estivesse apenas brincando com aquele grupo de pessoas supostamente importantes. Havia passatempos piores que brincar com um bando de milionários tolos, pegar o dinheiro deles e dizer que vai fazer mágica. Era possível ganhar uma fortuna rapidamente, partir para a Riviera Francesa e passar dez anos sem levantar um dedo. Talvez, vinte.

Mas Aldous não era o tipo de feiticeiro que jogava esses jogos, e dez ou vinte anos — sequer eram medidas de tempo que ele contava.

Talvez Aldous estivesse simplesmente estranho. Acontece. Magnus ficou imaginando se daqui a centenas de anos isso aconteceria com ele. Talvez também se trancafiasse em um hotel e passasse o tempo com pessoas ricas, fazendo sabe-se lá o quê. Será que isso era tão diferente do que ele estava fazendo agora? Afinal, não tinha passado a manhã limpando o lixo de seu bar mundano?

Era hora de ir para casa.

Outubro de 1929

De certa forma, Magnus havia perdido o interesse no bar. O fechamento de alguns dias que ele planejara se estendeu para uma semana, depois duas, depois três. Com o Sr. Seca temporariamente fechado, alguns dos clientes regulares de Magnus se viram sem ter para onde ir. Então, é claro, simplesmente vinham para o quarto de hotel do feiticeiro toda noite. Inicialmente eram apenas um ou dois, mas, em uma semana, Magnus passou a ter um fluxo constante de visitantes. Entre eles, a gerência do hotel, que sugeriu educadamente que o Sr. Bane "pudesse preferir levar seus amigos e associados a outro lugar". Magnus respondeu, de forma

igualmente educada, que eles não eram amigos nem associados. Normalmente eram estranhos, o que não deixou a gerência muito feliz.

E também não era totalmente verdade. Alfie esteve presente desde o princípio e agora estava morando permanentemente no sofá de Magnus. E, com o passar do tempo, só se tornava mais sorumbático. Saía para onde quer que fosse seu trabalho durante o dia, voltava embriagado e ficava assim. Depois parou de ir trabalhar.

— Está piorando, Magnus — disse ele em uma tarde, ao acordar de um entorpecimento induzido por uísque.

— Tenho certeza que sim — disse Magnus, sem tirar os olhos do exemplar de *Guerra e Paz*.

— Estou falando sério.

— Tenho certeza que está.

— Magnus!

Magnus levantou a cabeça preguiçosamente.

— Está piorando. Não pode durar. Já está começando a ruir. Está vendo?

Balançou o jornal na direção de Magnus.

— Alfie, você precisa ser mais específico. A não ser que esteja falando deste jornal, que parece bem.

— Estou falando que toda a estrutura financeira dos Estados Unidos pode cair a qualquer instante. — Alfie se levantou e olhou por cima do encosto do sofá. — Todos disseram que poderia acontecer, e eu jamais acreditei, mas agora me parece realmente possível.

— Acontece.

— Como você pode não se importar?

— Questão de prática — disse Magnus, voltou os olhos para o livro e virou uma página.

— Não sei. — Alfie deslizou um pouco sobre o sofá. — Talvez você tenha razão. Talvez fique tudo bem. Tem de ficar, certo?

Magnus não se incomodou em observar que não foi isso que ele quis dizer. Alfie pareceu apaziguado, e era o que bastava. Mas o feiticeiro já havia perdido o fio da meada da leitura e a vontade de continuar. Os visitantes estavam começando a ficar irritantes.

Após alguns dias, Magnus se cansou completamente da companhia, mas não estava inclinado a expulsá-los. Isso seria inadequado. Ele simplesmente reservou uma segunda suíte em outro andar e parou de voltar para casa. Os convidados pareceram notar, mas ninguém se importava, contanto que a porta da antiga suíte estivesse aberta e a conta do serviço de quarto também.

Magnus tentou preencher o tempo com atividades corriqueiras — ler, caminhar no Central Park, ver um filme ou peça de teatro, compras. O calor passou, e um outubro suave se instalou sobre a cidade. Um dia ele contratou um barco e passou o tempo circulando Manhattan, olhando os esqueletos dos diversos arranha-céus novos e imaginando o que aconteceria se tudo ruísse e o quanto ele se importava atualmente. Já tinha visto governos e economias caírem antes. Mas essas pessoas... haviam subido muito, e a queda seria longa.

Então, ele abriu um champanhe.

Notou que muitas pessoas passavam seus dias agrupadas em torno dos índices da bolsa, que se faziam presentes em todos os clubes e hotéis, em muitos restaurantes, até mesmo em bares e barbearias. Magnus ficava impressionado com o quanto essas coisinhas mecânicas podiam fascinar algumas pessoas. Elas se reuniam, hora após hora, apenas para observar uma máquina cuspir uma longa tira de papel cheio de símbolos. Alguém pegava o papel enquanto ele se desenrolava e lia a mágica ali contida.

O dia 24 de outubro trouxe o primeiro susto, com o mercado tropeçando e recuperando um pouco do equilíbrio. Todos tiveram um fim de semana inquieto; então, veio a semana seguinte, e tudo piorou muito. Depois, veio a terça-feira, dia 29, e tudo ruiu, exatamente como todo mundo aparentemente havia previsto, sem de fato acreditar, no entanto, que pudesse acontecer. Magnus não pôde evitar a onda de choque, nem mesmo no sossego do seu quarto no Plaza. O telefone começou a tocar. Ouviu vozes no corredor, até mesmo um ou dois gritos. Foi para o saguão, onde um pânico total se desenrolava, pessoas corriam com suas malas, todas as cabines telefônicas estavam ocupadas, e um homem chorava no canto.

Na rua era pior. Um grupo de pessoas do lado de fora conversava agitadamente.

— Estão pulando das janelas dos prédios no centro da cidade — disse um homem. — Fiquei sabendo. Meu amigo trabalha lá e falou que as pessoas estão abrindo as janelas e se atirando.

— Então isso está realmente acontecendo? — perguntou outro homem, tirando o chapéu e segurando-o sobre o coração, como se quisesse protegê-lo.

— Acontecendo? Aconteceu! Os bancos estão começando a tapar as portas!

Magnus concluiu que provavelmente seria melhor subir, trancar a porta e pegar uma boa garrafa de vinho.

Ele subiu, se dirigiu ao quarto, mas, assim que chegou, um dos recentes estranhos do outro quarto apareceu no corredor.

— Magnus — disse o homem, fedendo a álcool —, você precisa vir. Alfie está tentando se atirar da janela.

— Nossa, essa moda se espalhou depressa — observou Magnus, com um suspiro. — Onde?

— No seu antigo quarto.

Não havia tempo para Magnus perguntar há quanto tempo sabiam do novo quarto. Ele acompanhou o homem enquanto este corria e cambaleava pelos corredores do Plaza. Foram pela escada dos fundos e subiram os três andares até a antiga suíte; a porta estava aberta, e havia diversas pessoas reunidas em volta da porta do antigo quarto de Magnus.

— Ele se trancou aí e colocou alguma coisa contra a porta — relatou um dos homens. — Olhamos por esta janela e o vimos no parapeito.

— Saiam todos vocês — ordenou Magnus. — Agora.

Quando saíram, Magnus estendeu a mão e fez a porta se abrir. A janela do quarto, outrora um recurso para a bela vista do Central Park e para a intensa luz do sol, agora emoldurava a figura agachada de Alfie. Ele estava empoleirado na base estreita de concreto do lado de fora e fumava um cigarro, nervoso.

— Não se aproxime, Magnus! — avisou ele.

— Não é essa minha ideia — retrucou Magnus, sentando-se na cama. — Mas será que podia compartilhar os cigarros? Afinal de contas, é do meu quarto que está planejando se jogar.

Isso perturbou Alfie por um instante, mas ele enfiou a mão com cuidado no bolso, retirou um maço e o arremessou para dentro do quarto.

— Então — disse Magnus ao pegar o maço do chão e retirar um cigarro —, antes de ir, por que você não me conta o que houve?

O feiticeiro estalou os dedos, e o cigarro acendeu. Definitivamente fez isso para chamar a atenção de Alfie, e funcionou.

— Você... você sabe o que houve... o que acabou de fazer?

— Acendi um cigarro.

— O que quis dizer é: o que você acabou de *fazer*?

— Ah, aquilo. — Magnus cruzou a perna e se reclinou um pouco. — Bem, acho que você já adivinhou, Alfie, que não sou como as outras crianças.

Alfie se mexeu por um instante, considerando a informação. Seu olhar estava límpido, e Magnus achou que talvez fosse a primeira vez em semanas que ele estava sóbrio.

— Então, é verdade — disse ele.

— Então, é verdade.

— O que você é?

— O que eu sou é alguém que não quer que você pule da janela. O resto é detalhe.

— Me dê um bom motivo para não pular — disse Alfie. — Tudo se foi. Louisa. Tudo o que eu tinha, tudo o que fiz.

— Nada é permanente — disse Magnus. — Sei disso por experiência própria. Mas você pode conseguir coisas novas. Pode conhecer pessoas novas. Pode seguir em frente.

— Não quando me lembro do que já tive — respondeu Alfie. — Então, se você é... o que quer que seja, pode fazer alguma coisa, não pode?

Magnus deu uma tragada, pensativo.

— Entre, Alfie — falou, afinal. — E eu ajudo.

O processo de alterar a memória era, de fato, complicado. A mente é uma rede complexa, e a memória é importante para o aprendizado. Retire a lembrança errada, e você pode fazer a pessoa esquecer que o fogo queima. Mas as lembranças podem ser suavizadas ou encurtadas. Um feiticeiro talentoso — e Magnus era talentoso — pode enfeitar o passado e torná-lo algo diferente em forma e tom.

Mas não era um trabalho fácil.

Não estava claro por que Magnus fazia isso de graça para um mundano que andava vivendo à sua custa havia semanas. Talvez porque este fora um dia de muito sofrimento, e esta era a parte do sofrimento que Magnus podia atenuar.

Uma hora depois, Alfie se retirou da suíte sem se lembrar exatamente de quem era uma menina chamada Louisa, que era uma trocadora de ônibus ou coisa do tipo. Talvez uma bibliotecária em sua cidade natal? Ele nem mesmo sabia por que tinha pensado em seu nome. Também não recordava nada sobre sua breve fortuna.

Foi exaustivo, e, quando acabou, Magnus se apoiou no peitoril da janela e olhou para a cidade que escurecia sobre a grande extensão do Central Park.

Foi então que notou a estranha luz sobre a área residencial da cidade. Uma luz em forma de cone, menor na direção do arranha-céu, que se expandia pelas nuvens e tinha um brilho ligeiramente verde.

Bem acima do Hotel Dumont.

Não havia como conseguir um táxi. Todos os táxis da cidade estavam ocupados, e todos corriam. Todo mundo estava indo para algum lugar, tentava se livrar de ações, vender alguma coisa ou apenas se locomover em pânico total, ziguezagueando pela cidade em um frenesi. Então, Magnus correu para a parte leste do parque e foi até a Rua 116. O Hotel Dumont estava exatamente igual à última vez que Magnus o vira. Todas as cortinas continuavam cerradas, e as portas continuavam fechadas. Era frio, quieto e nada convidativo. Mas, quando Magnus tentou a porta da frente, descobriu que estava destrancada.

A primeira coisa estranha era que o hotel parecia completamente vazio. Não havia ninguém à mesa, ninguém no saguão, ninguém em lugar algum. O cenário era certamente magnífico, com uma escadaria graciosa e dourada. Tudo muito macio e acolchoado. Um rico tapete vermelho e dourado cobria o piso, e as janelas eram cobertas com cortinas pesadas que iam do teto ao chão. Estava frio, sombrio, abafado e perturbadoramente quieto. Magnus olhou em volta e para o alto, até o teto de afresco com seus querubins que apontavam uns para os outros e balançavam alegremente em vinhas no jardim.

À esquerda, havia um arco amplo ladeado por pilares cobertos por uma estampa floral. Isso evidentemente levava a um dos grandes quartos do hotel e parecia um local a ser explorado, tanto quanto qualquer outro. Magnus abriu a porta. Ela conduzia a um salão — incrivelmente magnífico — com um chão de mármore branco e rodeado por diversas bancadas douradas, intercaladas por espelhos com molduras também douradas que amplificavam o salão com seus reflexos.

Também refletiam a pilha de corpos humanos no fim do andar, em volta do que parecia uma prancha de granito polida. Magnus tinha quase certeza de que essas eram as mesmas pessoas que Magnus tinha visto saltando dos carros. Havia alguns rostos, alguns pedaços de roupas finas espalhadas no chão em tiras e laços, em alguns casos ainda presos a um braço decepado ou um tronco. O chão naquela ponta estava inteiramente preto-avermelhado, o sangue se espalhara, criando uma piscina sobre o mármore, como uma cobertura fina.

— Pelo Anjo...

Magnus virou e viu Edgar Greymark atrás dele, com seu uniforme de Caçador de Sombras e a lâmina serafim desembainhada.

— Que bom que vocês vieram — disse Magnus. A observação era para ter sido sarcástica, mas soou seca. *Era* bom que tivessem vindo. Não importa o que estivesse acontecendo, ele precisaria de ajuda.

— Achou que fôssemos simplesmente ignorar seu aviso? — perguntou Edgar.

Magnus decidiu não responder. Provavelmente os Caçadores de Sombras ignoraram o aviso e, assim como ele, viram a luz no céu.

— Quem são essas pessoas? — perguntou Edgar.

— Acredito que sejam mundanos que vieram ver Aldous.

— E onde está Aldous?

Não o vi. Acabei de chegar.

Edgar levantou a mão, e mais meia dúzia de Caçadores de Sombras apareceu e foi até os corpos para examiná-los.

— Parece um ataque de Beemote — observou uma menina, enquanto examinava uma pilha de sangue e pedaços de tecido com restos de carne. — Bagunçado. Desorganizado. E estas provavelmente são marcas de fileiras duplas de dentes, mas é difícil dizer...

Atrás deles, ouviu-se um tremendo barulho, e todos se viraram quando um jovem gritou e derrubou uma coisa no chão, que soltou fumaça e chiou.

— Meu Sensor explodiu — rosnou ele.

— Acho que podemos supor que há grande atividade demoníaca — disse Edgar. — Revistem o hotel. Encontrem Aldous Nix e tragam-no aqui.

Os Caçadores de Sombras partiram, e Edgar e Magnus continuaram com a pilha de corpos.

— Você faz alguma ideia do que possa estar acontecendo aqui? — perguntou Edgar.

— Contei tudo o que sabia — disse Magnus. — Vim porque vi algo no céu. Encontrei isso.

— Do que Aldous é capaz?

— Aldous tem 2 mil anos. Ele é capaz de *qualquer coisa*.

— É o que dizem. Ele não me convida para as festas de aniversário.

— Ele me pareceu um tanto estranho, mas nunca pensei... Bem, não importa o que pensei. Evidentemente, temos muitos demônios na área. Essa é a nossa primeira preocupação. E Nix...

— Está aqui — disse uma voz.

Aldous saiu de trás de uma das pesadas tapeçarias de parede. Apoiava-se com força na bengala, caminhando devagar até a placa de granito, onde se sentou. Edgar ergueu um pouco a arma, mas Magnus conteve-lhe o braço.

— O que aconteceu aqui, Aldous? — perguntou Magnus.

— É apenas um teste — disse Aldous. — Para meus patrocinadores, que gentilmente disponibilizaram todo este hotel e permitiram que eu fizesse meu trabalho em paz.

— Seus patrocinadores — falou Magnus. — Essas pessoas aqui no chão, destruídas.

— Que trabalho é esse? — perguntou Edgar.

— O trabalho? Ah. Isso é um assunto interessante. Mas não para seus ouvidos. Falarei com ele. — E apontou para Magnus. — O restante de vocês pode ir se ocupar. Vocês, Caçadores de Sombras, sempre se ocupam. Deve haver dez demônios por aí. Não registrei todos, mas, como disse a menina, pareciam basicamente Beemote. Nojentos. Matem-nos.

Edgar Greymark não era o tipo de homem que gostava de ser dispensado, mas Magnus lhe lançou um olhar e tentou encorajá-lo a recuar.

— Sim — rosnou Edgar. — Temos trabalho a fazer. Mas não vá embora, Nix. Voltaremos para discutir o assunto.

Magnus assentiu, e Edgar deixou o salão, fechando as portas com grande barulho atrás de si. Aldous olhou para as mãos nodosas antes de falar.

— Magnus, nosso lugar não é aqui. Nunca foi aqui. Vivo neste mundo há mais tempo que todo mundo que conheço, e esta é a única verdade na qual confio. Tenho certeza de que você também já chegou a essa conclusão.

— Não exatamente — disse Magnus. Aproximou-se mais um pouco, mas evitou o mar de sangue que se apresentava entre eles.

— Não exatamente?

— Às vezes, me sinto um pouco deslocado, mas me considero muito como parte deste mundo. De onde mais eu seria?

— Você pode ter nascido aqui, mas foi originado em outra dimensão.

— Você está falando do Vazio?

— É exatamente o que estou falando. Pretendo ir aonde pertenço. Quero ir para o único lugar que acredito realmente poder chamar de meu lar. Quero ir para Pandemônio. Eu estava abrindo um Portal para me permitir chegar lá.

— E essas pessoas?

— Essas pessoas achavam que controlavam o mundo. Acreditavam que o dinheiro que possuíam lhes dava o direito ao controle. Ouviram falar a meu respeito e vieram me procurar em busca de um jeito de ganhar controle sem fazer guerra, sem força. E eu disse a elas que mostraria um poder que jamais imaginaram possível, se me dessem o que eu precisava. Então me deram este hotel. Estou trabalhando aqui há alguns meses, preparando o caminho. Todo este prédio agora é uma treliça de feitiços e encantos. As paredes estão cheias de electrum e metal demoníaco. Agora é um canal. Será perfeito e o mais forte dos Portais.

— E essas pessoas vieram para cá...

— Para uma demonstração. Avisei que havia riscos. Talvez não tenha sido suficientemente claro. Achei que sim...

Sorriu um pouco nesta parte.

— Eles eram monstros, Magnus. Não podiam ter o direito de viver. Mundanos tolos, achando que poderiam controlar o mundo se aproveitando do *nosso* poder? Não. Morreram rapidamente.

— E, imagino, de forma muito dolorosa e apavorante.

— Talvez. Mas seus sofrimentos acabaram. E agora os meus também. Venha comigo.

— Ir com você? Ao Pandemônio? Para o *Vazio*? E eu achando que meu convite para passar o verão em Nova Jérsei tinha sido o pior que já havia recebido.

— Não é hora para piadas, Bane.

— Aldous — disse Magnus —, você está falando em ir para o reino demoníaco. Não se volta de lá. E você sabe os horrores que enfrentaria.

— Não sabemos como é. Não sabemos nada. Eu desejo saber. Meu último desejo é conhecer aquele lugar misterioso, minha verdadeira casa. O último passo para concluir o feitiço... — falou e puxou a ponta redonda da bengala, revelando uma faca — são algumas gotas de sangue de feiticeiro. Só um pouquinho. Um corte na palma.

Aldous olhou pensativamente para a faca, depois para Magnus.

— Se ficar aqui, o Portal se abrirá, e você virá comigo. Se não quiser me acompanhar, saia agora.

— Aldous, você não pode...

— Certamente posso e estou prestes a fazê-lo. Faça sua escolha, Magnus. Fique ou vá, mas se for, vá agora.

O que naquele momento estava extremamente claro para Magnus era que Aldous era louco. Ninguém planejava viagens ao Vazio se estivesse em pleno gozo das faculdades mentais. Ir ao Vazio era um ato maior e pior que o suicídio — era se enviar para o Inferno. Mas também era muito, muito difícil conversar com pessoas ensandecidas. Alfie podia ser demovido da janela com argumentos. Não seria tão fácil com Aldous. Força física seria uma abordagem tão complicada quanto o diálogo. Qualquer movimentação que Magnus fizesse provavelmente seria prevista e respondida com força igual ou maior.

— Aldous...

— Então você fica? Vem comigo?

— Não. Eu só... eu...

— Está preocupado comigo — disse ele. — Acha que não sei o que estou fazendo.

— Não colocaria exatamente desta forma...

— Há muito tempo considero isto, Magnus. Sei o que estou fazendo. Então, por favor. Fique ou vá. Decida agora, pois vou abrir o Por...

A flecha emitiu uma espécie de ruído cantado ao cortar o ar. Entrou no peito de Aldous como uma faca que penetra facilmente uma maçã. Aldous se sentou ereto por um instante, olhando para ela; em seguida, deslizou para o lado, morto.

Magnus viu o sangue atingir o granito.

— CORRA — gritou.

O jovem Caçador de Sombras ainda estava admirando, orgulhoso, o próprio trabalho, a perfeição com que tinha atingido a marca. Não notou a rede de ranhuras se espalhando do altar pelo chão, rachando o mármore branco em centenas e milhares de pedaços com um ruído de gelo quebrando.

Magnus correu. Correu de um jeito que não sabia que podia correr, e, quando alcançou o Caçador de Sombras, pegou-o e o arrastou junto. Tinham acabado de alcançar a porta e saltado para fora quando um enorme jato de fogo explodiu na entrada e preencheu o recinto com

chamas que iam do chão ao teto. Tão depressa quanto surgiu, o fogo foi sugado de volta ao salão. As portas do hotel se fecharam sozinhas. O próprio prédio tremeu como se um enorme aspirador tivesse aparecido por cima dele e o estivesse sugando.

— O que está acontecendo? — perguntou o Caçador de Sombras.

— Ele abriu uma espécie de canal com o Vazio — respondeu Magnus, e se levantou, cambaleando.

— O quê?

Magnus balançou a cabeça. Não havia tempo para explicar.

— Todos estavam fora do prédio? — perguntou.

— Não tenho certeza. Os demônios estavam dentro e fora. Pegamos uma meia dúzia na rua, mas...

O prédio tremeu e pareceu se esticar um ou dois centímetros, como se implorasse para ser sugado para cima.

— Chegue para trás — disse Magnus. — Não faço ideia do que possa acontecer em seguida, mas parece que tudo isso pode... Chegue para trás!

Em todos os seus anos, em todos os seus estudos, Magnus jamais encontrou nada que o preparasse para isso — um prédio que se transformara em um Portal perfeito, um feiticeiro que queria ir para o Vazio por considerá-lo sua casa, utilizando o próprio sangue como chave. Isso não constava dos livros didáticos. Ele teria de fazer suposições. E ter muita sorte. E provavelmente um pouco de tolice.

Se errasse em algum passo, coisa que provavelmente aconteceria, seria sugado para o Vazio. Para o próprio Inferno. Que seria onde entraria a tolice.

Magnus abriu a porta. O Caçador de Sombras atrás dele berrou, mas o feiticeiro apenas gritou para que ele ficasse para trás.

Esta é uma péssima ideia, pensou Magnus ao se encontrar no saguão novamente. *Pode ser a pior ideia que já tive.*

O fogo que havia estourado no coração do prédio chamuscara cada superfície, deixara o teto negro, destruíra os móveis, expusera o chão sob o tapete e carbonizara a grande escadaria. As portas do salão, no entanto, se mantiveram intactas.

Magnus entrou cuidadosamente no salão.

Ainda não fui sugado para o Vazio, pensou. *Isso é bom. Definitivamente bom*.

Os corpos agora eram esqueletos latentes, e o chão branco de mármore estava completamente fraturado. O sangue tinha evaporado e deixado uma mancha escura. A placa de granito, no entanto, estava inteira. E também estava levitando, a mais ou menos 1,80 metro do chão, banhada pela fraca luz verde que Magnus vira mais cedo. Aldous não estava em lugar algum.

O que é você?

A voz veio do nada. Estava no salão. Estava lá fora. Estava na mente de Magnus.

— Um feiticeiro — respondeu Magnus. — E o que você é?

Somos muitos.

— Por favor, não diga que são uma legião. Alguém já pegou esse nome.

Aprecia as Escrituras Sagradas mundanas, feiticeiro?

— Só estou quebrando o gelo — disse Magnus para si mesmo.

Gelo?

— Onde está Aldous? — perguntou o feiticeiro, com o tom de voz mais alto.

Está conosco. Agora você virá conosco. Venha ao altar.

— Acho que vai ficar para a próxima — disse Magnus. — Tenho um lugar aqui do qual gosto muito.

Isso era interessante. Aparentemente os demônios não conseguiam sair. Se conseguissem, teriam saído. Era isso que demônios faziam. Mas uma conexão foi aberta. Uma conexão de mão única, porém, ainda assim, uma conexão.

Magnus se aproximou mais um pouquinho, tentando procurar alguma marca no chão, qualquer coisa que pudesse informar o tamanho do Portal. Não achou nada.

Feiticeiro, não se cansa de sua vida?

— Esta é uma pergunta muito filosófica para uma voz sem nome e sem rosto de um Vazio — retrucou Magnus.

Não se cansa da eternidade? Não quer acabar com seu sofrimento?

— Saltando no Vazio? Na verdade, não.

Você é como nós. Tem nosso sangue. É um de nós. Venha e seja bem-vindo. Venha e fique com os seus.

Sangue...

Se sangue de feiticeiro abriu o Portal... bem, sangue de feiticeiro poderia fechar.

... ou não.

Era um palpite tão bom quanto qualquer outro.

— Por que eu ia querer isso? — perguntou Magnus. — O Pandemônio deve ser um lugar muito lotado, considerando que vocês vivem tentando sair.

Não reconheceria seu pai?

— Meu pai?

Sim, feiticeiro. Seu pai. Não o reconheceria?

— Meu pai jamais se interessou por mim — retrucou Magnus.

Não reconheceria seu pai, mesmo se falasse com ele?

Com isso, Magnus parou.

— Não — disse. — Suponho que não. A não ser que esteja tentando me dizer que o que estou ouvindo agora é a voz do meu pai.

Você ouve seu próprio sangue, feiticeiro.

Magnus olhou para a placa que levitava, a destruição, os restos dos corpos. Também tomou leve consciência de uma presença atrás dele. Alguns dos Caçadores de Sombras tinham entrado e estavam olhando para a placa, mas não pareceram ouvir nada.

— Magnus? — perguntou um deles.

— Não se aproximem — respondeu o feiticeiro.

Por que os protege? Eles não o protegeriam.

Magnus foi até o Caçador de Sombras mais próximo, pegou uma lâmina e se cortou.

— Você. — E apontou para o Caçador de Sombras que havia atirado em Aldous. — Dê-me uma flecha. Agora.

A flecha foi entregue, e Magnus molhou a ponta em seu sangue. Em seguida, esfregou mais um pouco no cabo, só para garantir. Não precisava do arco. Dirigiu a flecha para a placa com toda a força e produziu todos os feitiços de fechamento de Portal que conhecia.

Parecia que estava preso no lugar, o corpo inteiro feito de concreto, o tempo estendido e lento. Magnus não tinha mais certeza quanto ao local em que estava nem mesmo o que ele era, só sabia que ainda estava lançando feitiços, que o altar permanecia e que as vozes em sua mente gritavam. Centenas de vozes. Milhares.

Magnus...

Magnus, venha a mim...

Magnus, venha...

Mas Magnus se manteve firme. Em seguida, a placa caiu no chão e se partiu em inúmeros pedaços.

Magnus viu um vulto apoiado na porta do hotel quando voltou para casa naquela noite.

— Então, você entendeu o recado, não é? — disse Dolly. — Sobre o dinheiro mundano? Acho que foi tudo para o espaço, não?

— Parece que sim — respondeu Magnus.

— Não achei que tivesse acreditado em mim.

Magnus se apoiou na parede oposta e suspirou pesadamente. Não havia barulho em nenhum dos quartos no corredor, exceto por alguns gritos distantes e abafados no extremo oposto. Ele tinha a sensação de que muitas pessoas provavelmente estavam deixando o hotel, agora que não tinham dinheiro para pagar as contas ou estavam sentadas atrás da porta em um silêncio atônito. E, no entanto, elas não faziam ideia de que o *crash* da bolsa, na verdade, era a menor das suas preocupações, e que o verdadeiro perigo tinha sido combatido. Nunca saberiam. Jamais ficavam sabendo.

— Você parece cansado — observou Dolly. — Como se precisasse de um estímulo.

— Acabei de fechar um Portal para o Vazio. Preciso dormir. Por uns três dias.

Dolly soltou um assobio baixo.

— Minha amiga me disse que você é uma batata quente. Ela não estava brincando, hein?

— Ela?

Dolly levou a mão à boca, arranhando o nariz com as longas unhas pintadas.

— Oops!

— Quem a enviou? — perguntou Magnus.

Dolly abaixou a mão e sorriu.

— Uma grande amiga sua.

— Não tenho certeza se tenho grandes amigos.

— Ah, tem. — Dolly girou a bolsa em um círculo. — Tem, sim. Nos vemos por aí, Magnus.

Ela percorreu o corredor em ritmo oscilante, virando ocasionalmente para olhar para ele. Magnus deslizou alguns centímetros pela parede, sentindo a exaustão por todo o corpo. Mas, com um esforço enorme, se levantou e correu atrás de Dolly. Observou da esquina enquanto ela entrava em um elevador e, imediatamente, apertou o botão para chamar o seguinte. O elevador estava cheio de pessoas sorumbáticas, visivelmente assoladas pelas notícias do dia. Então o que ele iria fazer em seguida era péssimo para eles.

Magnus estalou os dedos e retirou o controle do ascensorista, fazendo-o descer muito velozmente, de forma um tanto descontrolada. No outro dia, dera uma ótima gorjeta ao sujeito, então se sentiu no direito de ter o controle, se assim desejasse. Não tinha direito sobre os outros passageiros, que começaram a gritar quando o elevador foi passando pelos andares.

Ele chegou ao saguão antes de Dolly e passou pelas pessoas ainda traumatizadas (muitas rezando) no elevador. Foi ziguezagueando pelo saguão, mantendo-se na lateral, atrás de colunas, plantas e grupos de pessoas. Entrou em uma cabine telefônica e observou Dolly passar, com os sapatos estalando levemente no chão de mármore. Ele a seguiu, o mais quieta e disfarçadamente possível, para a porta da frente, enfeitiçando-se para passar pelo porteiro. Havia um carro do lado de fora, um incrível Pierce-Arrow vermelho com cortinas prateadas sobre as janelas dos passageiros, escondendo o rosto de quem estava lá dentro. A porta, no entanto, estava aberta. Um motorista estava ali, atento. Através da abertura Magnus pôde ver um pé e um calcanhar, ambos muito bonitos, um pequeno sapato prateado e um pedaço de uma perna com meia-calça. Dolly

foi até o carro e se inclinou para dentro da porta aberta. Tiveram uma conversa que Magnus não conseguiu escutar, e, em seguida, a garota entrou no carro e deu a todos na frente do Plaza uma bela vista do seu traseiro. Então, a passageira se inclinou para a frente, falou com o motorista, e Magnus viu seu perfil. Não havia como confundir aquele rosto.

Era Camille.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

A ascensão do Hotel Dumort – As crônicas de Bane Vol.5

Facebook da série
https://www.facebook.com/TheOfficialBaneChronicles

Notícia do lançamento do livro
http://fanficsmemoraveis.blogspot.com.br/2013/06/primeiro-conto-de-as-cronicas-de-bane.html

Site da autora Cassandra Clare
http://www.cassandraclare.com/

Entrevista com a autora Cassandra Clare
http://www.youtube.com/watch?v=c0kClk3iKYM

Página da autora Cassandra Clare na Wikipédia
http://pt.wikipedia.org/wiki/Cassandra_Clare

Twitter da autora Cassandra Clare
https://twitter.com/cassieclare

Perfil da autora Cassandra Clare no Goodreads
http://www.goodreads.com/author/show/150038.Cassandra_Clare

Capa

Rosto

Créditos

Ascensão do Hotel Dumort

Colofão

Saiba mais